

O basquetebol em cadeira de rodas: caminhos percorridos pelo atleta brasileiro Cláudio Araújo

<http://dx.doi.org/10.11606/1807-5509201900010029>

Tuany Defaveri BEGOSSI*
Josiana Ayala LEDUR*
Alice Beatriz ASSMANN*
Janice Zarpellon MAZO*

*Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil.

Resumo

O basquetebol em cadeira de rodas (BCR) é uma modalidade adaptada para a prática de pessoas com deficiência. Dentre os personagens que contribuíram para o alcance das conquistas iniciais do BCR no Brasil está o atleta paralímpico Cláudio Araújo. Este estudo objetiva investigar o percurso esportivo de Cláudio Araújo, atleta paralímpico da seleção brasileira de BCR, entre o final da década de 1960 até o final de 1980. A partir de uma perspectiva sócio-histórica de análise, a pesquisa buscou decifrar a história do esporte adaptado e paralímpico brasileiro por meio de fontes impressas e fonte oral. A interpretação das informações revelou que a trajetória de Cláudio Araújo, além de contabilizar inúmeras competições, se entrelaçou com o percurso do BCR brasileiro.

PALAVRAS-CHAVE: Basquetebol em Cadeira de Rodas; Pessoa com Deficiência; Jogos Paralímpicos; História do Esporte.

Introdução

A prática de modalidades esportivas adaptadas^a envolvendo cadeira de rodas emergiu no interior de centros de reabilitação localizados principalmente na Inglaterra e nos Estados Unidos. Estudos apontam que estes países estimularam a prática esportiva adaptada como parte do processo de reabilitação de indivíduos com traumas provocados pelos confrontos em campos de batalha, durante a II Guerra Mundial (1939-1945)²⁻⁵. A adaptação do basquetebol (esporte olímpico) para o basquetebol em cadeira de rodas^b ocorreu, primeiramente, na Inglaterra, no Hospital de Stoke Mandeville, por iniciativa do neurocirurgião alemão Ludwig Guttman, no ano de 1944. Nos Estados Unidos, por sua vez, a prática do basquetebol em cadeira rodas (BCR) ocorreu por iniciativa das próprias pessoas com deficiência, as quais se reuniram em centros de reabilitação e começaram a jogar².

No Brasil, o BCR está entre as modalidades pioneiras desenvolvidas por pessoas com deficiência⁷. Os responsáveis pela inserção desta prática no campo esportivo brasileiro foram Sergio Seraphim Del Grande e Robson Sampaio de Almeida que, ao retornarem de um programa de reabilitação nos

Estados Unidos, introduziram esta modalidade nos estados do Rio de Janeiro e São Paulo. Em razão da significativa receptividade da modalidade entre seus praticantes, Robson Sampaio de Almeida fundou no Rio de Janeiro, o Clube do Otimismo e Sergio Del Grande criou, em São Paulo, o Clube dos Paraplégicos, ambos no ano de 1958⁸.

A criação dessas duas associações marcou o início da prática esportiva paralímpica^c e, também, da institucionalização do BCR no cenário nacional. Ao lado dos idealizadores das associações, outras pessoas se dedicaram ao desenvolvimento do BCR, seja atuando na coordenação de clubes ou como atletas das equipes. Um dos personagens que contribuiu para o alcance das conquistas iniciais do BCR no Brasil foi o atleta paralímpico Cláudio Araújo.

Natural do Rio de Janeiro, Cláudio Araújo vinculou-se ao Clube do Otimismo quando tinha 15 anos de idade, no ano de 1966. Todavia, seu percurso esportivo abarcou também, o estado do Rio Grande do Sul, uma vez que reside na capital Porto Alegre há mais de 30 anos. Ao registrarmos as memórias deste atleta percebemos que sua vida esportiva confunde-se

com a própria história do BCR brasileiro. Em razão disso, sua narrativa traz muito mais que lembranças pessoais, pois rememora particularidades acerca do contexto desta modalidade no Brasil.

Método

A presente pesquisa socio-histórica situa-se no campo da História do Esporte^{9,10} e busca decifrar a História do Esporte Adaptado e Paralímpico Brasileiro por meio da análise documental de fontes impressas e fonte oral. As fontes impressas consistiram em cinco reportagens publicadas em jornais do Rio de Janeiro no período demarcado para o estudo, garimpadas através da Hemeroteca da Biblioteca Nacional. Foram coletadas e analisadas de acordo com as recomendações de BACELLAR¹¹ e PIMENTEL¹². No que diz respeito à fonte oral, esta foi obtida por meio da gravação de uma

Nesse sentido, o estudo objetiva investigar como sucedeu o percurso esportivo de Cláudio Araújo, atleta paralímpico da seleção brasileira de BCR, desde finais da década de 1960 até os últimos anos de 1980.

entrevista com o atleta paralímpico brasileiro de BCR, Cláudio Araújo^d.

As informações obtidas por meio da entrevista foram coletadas e analisadas conforme os procedimentos metodológicos da História Oral¹³. As informações obtidas por meio da revisão bibliográfica realizada em livros, artigos, teses e uma dissertação, foram cotejadas com as informações das demais fontes acessadas. Na sequência são apresentados os resultados da análise documental, bem como a discussão dos dados obtidos, buscando registrar uma versão plausível com base nas evidências históricas.

Resultados e Discussão

Histórias que se entrelaçam: o atleta e o esporte paralímpico

O estabelecimento do BCR no Brasil, conforme citado anteriormente, é datado do final da década de 1950, ou seja, décadas antes da organização do Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB), no ano de 1995. Este período foi marcado pelo caráter amador do esporte paralímpico. Isso, de certa forma, se deu em razão da falta de sistematização em âmbito governamental de uma estrutura que orientasse as ações da conjuntura esportiva paralímpica, durante sua conformação inicial¹⁴.

Os aspectos estruturais, bem como as condições de treinamento que muitos atletas enfrentaram, mesmo na década de 1990, refletiram uma realidade bastante distinta daquela observada no tempo presente. As rememorações do atleta Cláudio Araújo, por sua vez, nos permitiram desvelar as dificuldades enfrentadas por pessoas com deficiência que se dedicaram a uma prática esportiva coletiva. Dentre as quais, destacamos a falta de materiais adequados para os treinamentos e competições, bem como, a ausência de orientação profissional às equipes. Esta circunstância foi evidenciada na entrevista de Cláudio, quando ao recordar como

ocorria o treinamento, caracterizou o momento com as seguintes expressões: “a moda deles”, “sentar-se nas cadeiras” e jogar a “pelada”, o “racha”¹⁵ (p. 2).

É provável que a ideia de treinamento revelada pelo atleta se fizesse presente em razão do caráter amador que o esporte paralímpico apresentava na década de 1960. Em decorrência disso, poucos eram os profissionais que se dedicavam ao desenvolvimento do esporte para pessoas com deficiência e, talvez menos ainda, ao treinamento de equipes compostas por atletas paralímpicos. A maioria das pessoas que se engajavam nas equipes de BCR naquele período, o fazia de maneira voluntária, uma vez que não existiam condições financeiras suficientes para retribuir os serviços prestados.

As dificuldades advindas da carência de cadeiras de rodas apropriadas para a prática do BCR, especialmente na fase inicial da carreira esportiva de Cláudio, tornava a rotina de treinos mais exaustiva. No entanto, o atleta ressalta que esta situação não impossibilitava a dedicação e o comprometimento dos atletas com o esporte¹⁵. Ressaltamos que em meados de 1960 já existiam cadeiras de rodas adaptadas à prática esportiva no Brasil, contudo, em razão do alto custo destes equipamentos, poucos atletas tinham condições financeiras de adquiri-los¹⁶.

Os problemas enfrentados pelos atletas e treinadores com relação aos equipamentos e materiais são também corroborados nas reportagens encontradas em jornais do Rio de Janeiro, publicados na década de 1970. Nesses registros, destaca-se a utilização de “uniformes surrados”¹⁷ (p. 35) e cadeiras de rodas nacionais “deficientes”¹⁸ (s.p), em oposição às importadas que custavam cerca de Cr\$ 20 mil (vinte mil cruzeiros). Cláudio Araújo, no início de sua vida esportiva, utilizava uma cadeira de rodas convencional, a qual pesava, em média, 20 kg. Assim como ele, outros atletas estavam em igual condição, mesmo após estarem inseridos na seleção brasileira de BCR.

Tal percepção agravou-se significativamente a partir do momento em que a seleção brasileira de BCR começou a participar de competições internacionais. Na entrevista, Cláudio relatou que, em diversas situações, ele e os companheiros precisavam compensar as más condições dos equipamentos com esforços muito maiores que os de seus adversários. Equipes como a dos Estados Unidos e do Canadá, por exemplo, possuíam cadeiras mais leves que as da equipe brasileira, o que influenciava no desempenho em quadra¹⁵.

Além de superar estas condições, outro desafio era obter o auxílio financeiro para os atletas do BCR participarem de campeonatos. Na maior parte das vezes, este recurso era oriundo do Conselho Nacional de Desportos (CND), órgão governamental responsável na época, por orientar, fiscalizar e incentivar as atividades esportivas praticadas no Brasil, desde o seu estabelecimento, no ano de 1941¹⁹. Em entrevista, Cláudio relatou que era através do CND que a delegação brasileira obtinha passagens aéreas e auxílios financeiros para custear as demais despesas durante os campeonatos. No entanto, destacou que em algumas ocasiões, nem mesmo o CND dispunha de tal condição e, em razão disso, os atletas precisavam arcar com os custos.

A dificuldade na obtenção de passagens para a participação brasileira nos “Jogos Olímpicos de Paraplégicos – *Paralympics*” em Heidelberg, na Alemanha, no ano de 1972, foi noticiada pelo Jornal do Brasil²⁰ (p. 32). Segundo o jornal²¹, dentre as 17 passagens necessárias, 10 seriam doadas pelo CND e uma pela companhia aérea Lufthansa. Na busca pelas demais, em julho, a delegação foi ao treino da seleção brasileira de futebol solicitar apoio junto ao CND a fim de angariar as passagens que faltavam. A visita rendeu a promessa do jogador Gérson de conseguir os bilhetes junto ao

“Brigadeiro” no CND¹⁷ (p. 35). O desfecho da situação, no entanto, não foi localizado. No que se refere à alimentação, hospedagem e deslocamento no local das competições, Cláudio evidenciou que, na maioria das vezes, a entidade que sediava a competição oferecia tais condições aos atletas¹⁵.

Em carta ao Jornal do Brasil, em 1973, ROBSON SAMPAIO destacou a terceira colocação conquistada pela equipe de BCR, “seleção brasileira de paraplégicos” em um evento no Paraguai, “apesar dos poucos recursos materiais e psicológicos”. Ademais, ROBSON SAMPAIO lamentou a ausência da imprensa brasileira na divulgação das conquistas dos atletas brasileiros¹⁹. Este cenário começou a ser alterado de forma lenta, em meados dos anos de 1970, também devido a organização da Associação Nacional de Desportos de Deficientes – ANDE (1975).

Outra fonte documental que corrobora com as informações concedidas por Cláudio na entrevista foi a publicação de uma matéria no Jornal do Brasil em julho de 1978. Consta no jornal¹⁸, que eram necessárias verbas para a manutenção e melhoria das precárias condições de estrutura para treinamento dos atletas “campeões do basquete” do Clube do Otimismo. O clube era mantido por meio do pagamento de sócios voluntários e doações, todavia, também é possível observar que o clube possuía, no período, uma equipe de diversos profissionais engajados no esporte paralímpico, tais como “médicos, dentista, massagista e técnicos esportivos”¹⁸ (s.p). Contudo, isto não significa que estes profissionais fossem todos remunerados, como também é possível que estas condições favoráveis fossem prerrogativa do Clube do Otimismo.

Na década de 1980, a oportunidade de participação em competições internacionais de BCR se renovou. Assim como, parece haver uma ligeira melhora com relação ao equipamento esportivo utilizado, ainda que não fossem “as melhores”, como afirmou Cláudio. O atleta relatou sobre a participação no II Campeonato Mundial de BCR, realizado em Stoke Mandeville, na Inglaterra, em 1983:

Nesta época, nós já estávamos com um materialzinho bom. As cadeiras não eram as melhores, mas, em vista do que nós tínhamos antes, ficou muito melhor. Nós tínhamos cadeiras de 20 Kg e passamos para 13 ou 14 Kg. Então, já deu uma diferença. Assim, aquilo que nós gastávamos dando braçadas lá atrás, neste ano, já deu uma melhorada¹⁵ (p. 17).

De tal modo, verificamos que a partir do momento em que o BCR passou a apresentar

características de esporte profissional como, por exemplo, a participação em competições de nível internacional, os materiais utilizados pela equipe adquiriram um significado relevante para o desempenho em quadra. Além disso, a profissionalização do esporte paralímpico também foi atravessada pela criação de entidades esportivas tais como: a Associação Brasileira de Desporto em Cadeira de Rodas – ABRADCAR (1984); Associação Brasileira de Desporto para Cegos – ABDC (1984); Confederação Brasileira de Desporto para Surdos – CBDS (1987); Associação Brasileira de Desporto para Amputados – ABDA (1990) e, na década de 1990, a criação do Comitê Paralímpico Brasileiro – CPB (1995). A partir dessa conjuntura, foram estabelecidas no Brasil ações de apoio ao esporte paralímpico, mais especificamente no que diz respeito aos auxílios financeiros direcionados às entidades esportivas.

Preceitos legais de incentivo, como a Lei n. 9.615 de 1998, conhecida como Lei Pelé, reconheceu o esporte paralímpico e passou a conceder auxílios financeiros também para este âmbito esportivo²². Para além desta normativa, destacamos a Lei n. 10.264 de 2001, conhecida como Lei Agnelo/Piva que, nesta mesma direção, conferiu autonomia financeira às entidades, através de recursos oriundos das loterias federais²³. Tais medidas assinalaram conquistas importantes para o desenvolvimento do esporte paralímpico. No entanto, esta realidade não foi a mesma vivenciada por atletas como Cláudio.

Diante do exposto, podemos destacar que os aspectos financeiros, bem como as condições de subsistência dos atletas que se dedicam, exclusivamente, ao esporte paralímpico de alto rendimento, tem se modificado durante o percurso histórico. Além disso, de maneira geral a concepção de esporte para pessoas com deficiência também foi alargada, deixando de ser apenas assistencialista e passando a reconhecer a profissionalização esportiva desta parcela da população²⁴.

No momento atual, a profissionalização também foi conquistada por atletas paralímpicos que, diferentemente de décadas anteriores, conseguem dedicar-se exclusivamente às suas modalidades esportivas. Conforme referiu Cláudio em sua entrevista, durante o período em que esteve inserido no BCR, a maioria dos atletas possuía empregos paralelos as suas atividades esportivas. Ele próprio relatou que trabalhava informalmente, o que considerava uma vantagem na época, já que possuía autonomia para se afastar durante o período de

competições. “Aqueles que trabalhavam formalmente tinham que pedir licença ao patrão, à empresa, para poder viajar. Às vezes, eles eram liberados, às vezes, não. Então, quem fosse liberado poderia viajar para competir, do contrário, não tinham como ir”¹⁵ (p. 9).

Um aspecto que permanece em debate no tempo presente se refere às questões de acessibilidade para as pessoas com deficiência. Conforme Cláudio, durante a década de 1970 não havia, por exemplo, ônibus adaptados para cadeirantes. Em decorrência disso, cada atleta precisava “dar o seu jeito” para conseguir frequentar os treinamentos¹⁵ (p. 11).

A despeito das melhorias já conquistadas, a falta de acessibilidade ainda impõe adversidades no cotidiano dos brasileiros com deficiência. No estudo desenvolvido por BENFICA²⁵, os atletas investigados apontaram que o acesso no Brasil ainda é insuficiente às pessoas com deficiência. Essa questão ainda se apresenta como uma dificuldade diária a ser sobreposta, seja no trajeto para o treino, ou na volta para casa, em viagens, campeonatos, hospedagens, dentre outros.

Nesse contexto, importantes aspectos, tais como a acessibilidade, que deveriam ser potencializados paralelamente à realização de competições esportivas, infelizmente, não parecem ter acompanhado, na mesma velocidade, o desenvolvimento do esporte para pessoas com deficiência. Na nossa sociedade, as condições de acessibilidade e de preparo arquitetônico para atender a todas as pessoas, tanto em espaços públicos quanto privados, têm apontado no sentido inverso aos princípios da inclusão²⁶.

Contudo, se faz necessário evidenciar que, para além das condições favoráveis ou não, seja em contextos passados ou mesmo no tempo presente, muitos foram os personagens que se dedicaram a construir a história do esporte para pessoas com deficiência no país. Desta forma, memórias como as do atleta Cláudio Araújo, que vivenciou os primeiros momentos da constituição do esporte paralímpico nacional, precisam ser reconstruídas e, sobretudo, preservadas.

Um pioneiro do basquetebol em cadeira de rodas no Brasil

O atleta Cláudio Araújo, inseriu-se na prática esportiva por intermédio da Associação Brasileira Beneficente de Reabilitação (ABBR), entidade que frequentou desde os seus três anos de idade, quando ficou paraplégico, na cidade onde nasceu, o Rio de Janeiro. Ao completar 15 anos de idade, em 1966, Cláudio foi encaminhado ao Clube do

Otimismo e, desde então, passou a dedicar-se ao basquetebol em cadeira de rodas (BCR).

Fiquei um bom tempo querendo jogar, mas eu não tinha oportunidade porque eu recém tinha 15 anos e as pessoas não me aceitavam. Como houve uma “debandada” de pessoal, muitas pessoas foram para outros clubes, sobraram cadeiras e eu comecei a me sentar e a praticar¹⁵ (p. 1).

As competições de BCR passaram a fazer parte da rotina do atleta quando foi convocado para fazer parte da seleção brasileira, com 18 anos de idade, em 1969. Na ocasião, viajou juntamente com os demais membros da delegação para a cidade de Buenos Aires, na Argentina, para disputar os Jogos Parapan Americanos. Segundo Cláudio, as melhores equipes de BCR, naquele tempo, eram da Argentina, dos Estados Unidos, do Canadá e do Uruguai. O Brasil não figurava dentre as equipes de destaque na competição. No entanto, a seleção brasileira conquistou a terceira colocação e garantiu a primeira medalha para o BCR brasileiro. Cláudio foi o atleta mais jovem a participar dos Jogos Parapan Americanos de 1969. Atuando na posição de armador e, por vezes, como ala, Cláudio foi novamente convocado para compor a seleção brasileira e disputar os Jogos Parapan Americanos, na cidade de Kingston (Jamaica), no ano de 1971.

No ano seguinte, a equipe brasileira de BCR participou dos Jogos Paralímpicos (JP) na cidade de Heidelberg, Alemanha, em 1972. A participação da “Seleção Nacional de Paraplégicos nos Jogos Olímpicos da Alemanha” foi anunciada pelo jornal Diário de Notícias que publicou uma extensa matéria sobre o assunto²⁷ (2º Caderno), lembrando as participações anteriores em Jogos Pan Americanos e destacando a terceira participação internacional da seleção brasileira de paraplégicos.

A reportagem do jornal²⁷ abordava a viagem da delegação brasileira para o evento, mas não citava com precisão a data do acontecimento, informando que estava prevista para ocorrer até o dia 29 de julho. Este registro é um tanto curioso, pois revela indícios de desinformação do jornal ou de planejamento no esporte, tendo em vista que foi divulgada no dia 18 de maio, aproximadamente três meses antes do evento. No entanto, o texto era pautado por expectativa otimista com relação ao desempenho dos 20 atletas: “competir em condições de igualdade contra os Estados Unidos, França, Inglaterra e Argentina, que possuem representações numerosas e bem equipadas”²⁷ (2º Caderno). Observa-se que os países citados são os precursores do esporte

adaptado e paralímpico, sendo a Argentina, um dos países pioneiros na América Latina.

A composição da delegação brasileira foi definida após a disputa de vagas entre atletas paraplégicos dos estados do Ceará, São Paulo, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul²⁷ (2º caderno). O treinador escolhido para dirigir a equipe foi Aldo Miccolis^e. Dentre os atletas convocados para a equipe de BCR estava Cláudio, na época com 21 anos de idade. Ele rememorou sua primeira participação em JP: “[...] Uma sensação boa de, primeiro, você estar ali, representando o teu país, a tua nação e, também, a sensação de você ter a tua realização pessoal. Isso é muito importante. Muito importante mesmo”¹⁵ (p. 5). Nesse evento, a seleção brasileira classificou-se entre as seis melhores equipes de BCR.

Ao retornar dos JP, Cláudio prosseguiu como integrante da seleção brasileira, sendo convocado, novamente, para participar dos Jogos Parapan Americanos de 1973, em Lima, no Peru, e dos Jogos Parapan Americanos de 1975, realizados na Cidade do México, México. No ano seguinte, em 1976, disputou pela segunda vez os JP, desta vez, realizados em Toronto, no Canadá. Nesta edição, o BCR brasileiro repetiu o desempenho dos JP da Alemanha, posicionando-se ao final da competição entre as seis melhores equipes.

Após a edição dos JP, ainda em 1976, Cláudio participou de uma excursão dirigida por Aldo Miccolis, técnico da seleção brasileira, disputando jogos amistosos com equipes de BCR em Washington (Estados Unidos), Paris (França), Roma (Itália) e Casablanca (Marrocos). Cláudio comentou a iniciativa de dirigentes do BCR brasileiro: “foi muito proveitoso. Nós aprendemos muito com esta excursão”¹⁵ (p. 16). Estes jogos amistosos foram preparatórios para a disputa do I Campeonato Mundial de BCR, realizados na cidade de Aylesbury, Inglaterra, no ano seguinte, em 1977. Nesta competição, a seleção brasileira, contando com o atleta Cláudio, ficou entre as 10 melhores equipes participantes do evento mundial.

Ao retornar da competição, ainda em 1977, Cláudio mudou-se da cidade do Rio de Janeiro para Porto Alegre. Na capital do Rio Grande do Sul, Cláudio e mais quatro colegas, também cadeirantes, fundaram a Organização Nacional de Reabilitação e Assistência ao Excepcional (ONRAE). Esta entidade dedicava-se a apoiar as pessoas com deficiência que desejavam se inserir no mercado de trabalho. Na época já existia em Porto Alegre a Associação Rio-Grandense de Paralíticos e Amputados (ARPA), caracterizada como uma entidade social.

Nestas entidades, tanto na ONRAE quanto na ARPA, não havia dentre as suas atividades o desenvolvimento da prática esportiva para pessoas com deficiência. Em razão disso, conforme evidenciado por Cláudio em seu depoimento¹⁵, membros das duas entidades se uniram e fundaram a primeira equipe de BCR do Rio Grande do Sul. Esta equipe passou a representar a ARPA em campeonatos e a ser reconhecida nacionalmente.

A ARPA extinguiu a prática do BCR na década de 1980 e, novamente, o estado ficou sem uma equipe representativa nesta modalidade. A retomada do BCR ocorreu com a fundação da Associação RS Paradesporto, entidade criada no ano de 2005, com o objetivo de desenvolver o esporte paralímpico. Desde então, permanece desenvolvendo a prática esportiva para pessoas com deficiência em Porto Alegre. Foi nesta entidade que o atleta Cláudio Araújo se vinculou e continuou dedicando-se ao BCR.

Já residente de Porto Alegre, em 1983, Cláudio foi convocado para participar do II Campeonato Mundial de BCR, realizado em Stoke Mandeville, na Inglaterra. Ao rememorar a etapa final deste campeonato, o atleta destacou o importante papel desempenhado pelo técnico da equipe brasileira na época, professor Jorge Farah, do Rio de Janeiro. Todavia, não esqueceu o nome do seu primeiro treinador, Aldo Miccolis, como também enfatizou o relevante papel desempenhado pelo professor Gilson Ramos Santos, o “Dóinha”. Afirmou: “O “Dóinha” é de Goiânia, [...] inclusive, ele foi atleta também, mas andante. Ele foi um dos grandes treinadores nossos. Um dos maiores treinadores de basquete em cadeira de rodas foi o “Dóinha”¹⁵ (p. 15).

No campeonato mundial, a seleção brasileira sagrou-se campeã e Cláudio, na época com 32 de idade, foi apontado como um dos melhores atletas da competição. Lembra: “nós ganhamos da Espanha. O jogo foi muito eletrizante, muito disputado. A Espanha tinha uma equipe muito boa. [...] E nós conseguimos o que era impossível”¹⁵ (p. 17). Em sua entrevista, Cláudio ressaltou, uma vez mais, a importância deste feito para sua realização pessoal e reconhecimento internacional da equipe brasileira: “para que o nosso país pudesse ser reconhecido lá fora. Claro, não através de quem foi o melhor, mas, através da equipe, que foi campeã. Foi um dos maiores feitos do basquetebol até hoje”¹⁵ (p. 16-17).

Assim como salientou o atleta, o esporte paralímpico brasileiro tornou-se uma das maiores

potências mundiais em decorrência do esforço de inúmeras pessoas. Na percepção de Cláudio, a dedicação, a união e o amor pelo esporte venceram a falta de reconhecimento e incentivos. “Eu, como um dos atletas, eu sei que eu fiz a minha parte e os outros também fizeram a parte deles. Então, quando você junta a parte de cada um e vai dar uma grande parte, para ser o que hoje é o esporte nacional”¹⁵ (p. 21).

A trajetória esportiva do atleta Cláudio na seleção brasileira de BCR foi encerrada com sua participação nos Jogos Parapan Americanos de Aguadilla, em Porto Rico, no ano de 1986. No entanto, Cláudio continuou dedicando-se à modalidade de maneira amadora e só encerrou, de fato, a prática esportiva aos 58 anos de idade, no ano de 2009. Na época, foi apontado como um dos jogadores mais antigos atuantes no BCR nacional.

Apesar das dificuldades enfrentadas até hoje pelas pessoas com deficiência no Brasil, Cláudio destacou que a realidade do esporte paralímpico já é bastante distinta da vivenciada por ele, alegrando-se ao perceber os resultados positivos e uma maior valorização do esporte adaptado e paralímpico.

Esta foi uma longa caminhada, mas, valeu à pena. Foram 43 anos de basquete na minha vida, sendo que 17 anos foram dedicados à seleção brasileira. Foram cinco Parapan Americanos, duas Paralimpíadas, dois Mundiais e mais a excursão. Então, isso aí, para mim, valeu. Eu fico um pouco emocionado, mas é que eu vivi isso tudo aí e nós vemos que as coisas continuam e que nós colaboramos de certa maneira¹⁵ (p. 21).

Junto com as recordações traz, também, a emoção em sua fala, repleta de significados e sentimentos: “Eu sei que vai crescer cada vez mais o esporte no Brasil. Dentro do esporte eu conheci pessoas, me tornei um cidadão e lutei pela inclusão do deficiente na sociedade”¹⁵ (p. 21). A fala de Cláudio revela que sua trajetória se entrelaçou com a própria história do BCR nacional. Para além de representar a seleção brasileira em competições nacionais e internacionais, Cláudio acompanhou também importantes conquistas de caráter social das pessoas com deficiência no país e vivenciou o processo de institucionalização do esporte paralímpico brasileiro através de um olhar particular: o de atleta.

A realização deste estudo, portanto, buscou também apontar que os significados partilhados pelos personagens envolvidos com o contexto

esportivo paralímpico não se encerram no momento da competição ou mesmo da vitória. De outra forma, eles se inscrevem em suas trajetórias de vida com novas dimensões, as quais são pautadas, sobretudo, pela transmissão de valores e pela realização pessoal. Neste sentido, o registro das memórias do atleta de BCR Cláudio Araujo é uma forma de preservarmos a própria história do esporte paralímpico no Brasil.

A história deste protagonista do esporte paralímpico brasileiro se somará a de outros tantos

atletas que, assim como ele, contribuíram para a conformação inicial da prática esportiva para pessoas com deficiência. No entanto, ainda há lacunas a preencher sobre o contexto histórico do esporte adaptado para pessoas com deficiência e, também no caso deste estudo, que busca reunir índices relacionados ao desenvolvimento do BCR no Brasil, privilegiando a versão de um atleta. Tais registros poderão, futuramente, auxiliar no delineamento do cenário socio-histórico do esporte nacional.

Abstract

The basketball in wheelchair: paths travelled by brazilian athlete Cláudio Araújo

The basketball in wheelchair is a modality adapted for the practice of people with disabilities. Among the characters who contributed to reach the initial achievements of BCR in Brazil is the paralympic athlete Claudio Araujo. This paper aims to investigate the sports paths of Claudio Araujo, paralympic athlete of BCR brazilian team, between the late 1960s and late 1980s. From a socio-historical analysis perspective, the paper analyzed the history of adapted and paralympic brazilian sports by printed sources and oral source. The interpretation of information revealed that the trajectory of Claudio Araujo, besides account numerous competitions was interwine with the BCR brazilian route.

KEYWORDS: Basketball in Wheelchair; People with Disabilities; Paralympic Games; History of Sport.

Notas

- a. O esporte adaptado é compreendido como toda a prática esportiva que é modificada ou mesmo criada, especialmente para atender as necessidades dos indivíduos com algum tipo de deficiência¹. O esporte paralímpico é todo o esporte adaptado para pessoas com deficiência que faz parte do programa dos Jogos Paralímpicos².
- b. No basquetebol em cadeira de rodas os jogadores possuem diferentes graus de deficiência física. Por isso, cada atleta é classificado de acordo com o comprometimento físico-motor e a escala obedece aos números 1, 2, 3, 4 e 5. O número máximo de pontuação em quadra não pode ultrapassar 14 pontos. Ressalta-se que, quanto maior a deficiência, menor a classificação⁶.
- c. No mês de novembro de 2011, o termo “paraolímpico” foi alterado para “paralímpico”. Esta mudança foi oficializada pela presidência do Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB) que atendeu ao pedido do *International Paralympic Committee* (IPC), cujo objetivo é alcançar a universalização do termo e suas derivações.
- d. O entrevistado assinou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecimento, conforme consta no projeto nº 27331 aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFRGS, autorizando o uso das suas informações na pesquisa. Este estudo histórico faz parte de um dos eixos do projeto de pesquisa denominado “Memórias do Esporte Paralímpico no Brasil: um estudo sobre a participação de atletas brasileiros nos Jogos Paralímpicos (1972-2012)”, financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), e desenvolvido em parceria com a Universidade de Caxias do Sul (UCS) e a Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), durante o período de 2014-2015.
- e. Foi diretor do Centro Esportivo do Clube do Otimismo, no Rio de Janeiro no ano de 1958. Atuou como primeiro treinador do atleta Cláudio Araújo. Fez parte do grupo precursor da fundação da Associação Nacional de Desporto para Deficientes (ANDE), em 1975; também foi presidente da entidade durante vinte e cinco anos. Participou da fundação da Confederação Brasileira de Desportos para Cegos (CBDC) em 1984. Foi vice-presidente e Presidente de Honra do Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB), tendo sido também Cônsul Paralímpico.

Agradecimentos

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq pelo financiamento da pesquisa e ao atleta Cláudio Araújo.

Referências

1. Cardoso VD. A reabilitação de pessoas com deficiência através do desporto adaptado. *Rev Bras Ciênc Esporte*. 2011;33(2):529-39.
2. Parsons A, Winckler C. Esporte e a pessoa com deficiência – contexto histórico. In: Mello MT, Winckler C, organizadores. *Esporte paralímpico*. São Paulo: Editora Atheneu; 2012. p 1-14.
3. Marques RFR, Duarte E, Gutierrez GL, Almeida JJG, Miranda TJ. Esporte olímpico e paraolímpico: coincidências, divergências e especificidades numa perspectiva contemporânea. *Rev Bras Educ Fís Esporte*. 2009;23(4):365-77.
4. Costa AM, Sousa SB. Educação física e esporte adaptado: história, avanços e retrocessos em relação aos princípios da integração/inclusão e perspectivas para o século XXI. *Rev Bras Ciênc Esporte*. 2004;25(3):27-42.
5. Araújo PF. *Desporto adaptado no Brasil: origem, institucionalização e atualidades [tese]*. Campinas (SP): Universidade Estadual de Campinas; 1997.
6. Costa LCA, Vissoci JRN, Modesto LM, Vieira LF. O sentido do esporte para atletas de basquete em cadeira de rodas: processo de integração social e promoção de saúde. *Rev Bras Ciênc Esporte*. 2014;36(1):123-40.
7. Confederação Brasileira de Basquetebol em Cadeira de Rodas. Apresentação. Porto Alegre: CBBC; 2016 [citado 5 dez 2016]. Disponível em: <http://www.cbcb.org.br/cbbc/apresentacao>.
8. Mattos E. Pessoas portadoras de deficiência física (motora) e as atividades físicas, esportivas, recreativas e de lazer. In: Brasil. Ministério da Educação, organizador. *Educação Física e desporto para pessoas portadoras de deficiência*. Brasília: MEC-Sedes; Sesi; 1994. Não paginado.
9. Burke P. *O que é História Cultural?* Rio de Janeiro: Zahar; 2005.
10. Vamplew W. História do esporte no cenário internacional: visão geral. *Rev Tempo*. 2013;19(34):5-17.
11. Bacellar C. Uso e mau uso dos arquivos. In: Pinsky CB, organizadora. *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto; 2010. p 23-79.
12. Pimentel A. O método da análise documental: seu uso numa pesquisa historiográfica. *Cad Pesq*. 2001;114:179-95.
13. Alberti V. *História oral e a experiência do CPDOC*. Rio de Janeiro: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil; 1989.
14. Begossi TD, Mazo JZ. O processo de institucionalização do esporte para pessoas com deficiência no Brasil: uma análise legislativa federal. *Ciênc Saúde Coletiva*. 2016;21(1):2989-97.
15. Araújo C [depoimento 18 mar 2015]. *Projeto Memórias do Esporte Paralímpico no Brasil: um estudo sobre a participação de atletas brasileiros nos Jogos Paralímpicos (1972-2012)*. Porto Alegre; 2015.
16. Lago TM, Amorim AA. O basquete em cadeiras de rodas com papel de inclusão e integração dos portadores de deficiência. *Anim Socioc Rev Iberoam*. 2008;2(2):1-10.
17. Paraplégicos vão à Gávea e pedem apoio da Seleção. *Jornal do Brasil*. 26 jul 1972:35.
18. Obra do Clube do Otimismo precisa de Cr\$ 50 milhões. *Jornal do Brasil*. 30 jul 1978.
19. Brasil. Decreto-Lei nº 3.199, de 14 de abril de 1941: estabelece as bases de organização dos desportos em todo o país. *Diário Oficial da União* [Internet]. 14 abr 1941 [citado 5 dez 2016];1:000. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-3199-14-abril-1941-413238-publicacaooriginal-1-pe.html>.
20. A Delegação brasileira. *Jornal do Brasil*. 22 jun 1972:32.
21. Sampaio R. Paraplégicos se destacam. *Jornal do Brasil*. 27 dez 1973.
22. Brasil. Lei nº 9.615, de 24 de março de 1998: institui normas gerais sobre desporto e dá outras providências. *Diário Oficial da União* [Internet]. 24 mar 1998 [citado 5 dez 2016];1:1. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1998/lei-9615-24-marco-1998-351240-publicacaooriginal-1-pl.html>.
23. Brasil. Lei nº 10.264, de 16 de julho de 2001: acrescenta inciso e parágrafos ao art. 56 da Lei n. 9.615, de 24 de março de 1998, que institui normas gerais sobre o desporto. *Diário Oficial da União* [Internet]. 16 jul 2001 [citado 5 dez 2016];1:1. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2001/lei-10264-16-julho-2001-330448-publicacaooriginal-1-pl.html>.

24. Florence RBP. Medalhistas de ouro nas Paraolimpíadas de Atenas 2004: reflexões de suas trajetórias no desporto adaptado [tese]. Campinas (SP): Universidade Estadual de Campinas; 2009.
25. Benfca DT. Esporte paralímpico: analisando suas contribuições nas (re) significações do atleta com deficiência [dissertação]. Viçosa (MG): Universidade Federal de Viçosa; 2012.
26. Gil M. Acessibilidade, inclusão social e desenho universal: tudo a ver [Internet]. Rio de Janeiro: Bengala Legal; 2006 [citado 5 dez 2016]. Disponível em: <http://www.bengalalegal.com/martagil>.
27. Seleção nacional de paraplégicos nos Jogos Olímpicos da Alemanha. Diário de Notícias. 18 maio 1972.

ENDEREÇO

Tuany Defaveri Begossi
Rua Felizardo, 750 – Jardim Botânico
90040-060 – Porto Alegre – RS – BRASIL
e-mail: tuany_begossi@hotmail.com

Recebido para publicação: 12/12/2016
Revisão: 25/11/2017
Aceito: 01/02/2018